



“Confusion de Confusiones”

João Duque
jduque@iseg.ulisboa.pt

PÚBLICO OU PRIVADO?

Esta crise tem sido bastante usada para endeusar a economia pública. Aproveitando-se as falhas de países mais fustigados pela pandemia, sem sistemas de saúde pública adequados e de acesso universal, tem-se, por um lado, elogiado o nosso sistema nacional de saúde pela resposta que deu e ocultado as falhas que o mesmo mostrou. No fundo, usa-se, maliciosamente, o mal dos outros para fazer esquecer os nossos, em particular o que resulta de um sistemático desinvestimento neste sector de atividade. E se isso era aceitável nos primeiros anos após a falência das contas públicas e do resgate da *troika*, deixou de o ser após 2014. Fizeram-se escolhas, optou-se pela despesa corrente, prejudicou-se o investimento público, acicatou-se o consumo e esqueceu-se a poupança. Agora colhemos os louros.

Atrás do “sucesso” da resposta do SNS passou-se ao elogio do Estado e das suas virtudes como o Deus único da salvação: enalteceram o apoio aos confinados, aplaudiram o *lay-off* simplificado, exultaram o mérito das moratórias, regozijaram-se com os programas de apoio à reestruturação empresarial, elogiaram as linhas de empréstimos e as garantias de Estado, etc.

Na nossa sociedade não há dinheiro público. Há impostos. De hoje ou de amanhã. O Estado somos nós, que somos indivíduos privados, porque, depois do serviço militar obrigatório cumprido, ainda não nos nacionalizaram

E a atitude foi: se não fosse o Estado, onde estaríamos nós agora? Provavelmente muito próximo do lugar que ocupamos.

Esta resposta pode parecer um pouco estranha, mas o Estado português é um Estado muito pobre. Não tem poupança, e por isso o rendimento proveniente dessa poupança é muito escasso e possui capital produtivo, e assim o rendimento dessa estrutura produtiva é insípido.

Por isso as ‘maravilhas’ que a economia pública faz (e deve continuar a fazer) saem do esforço coletivo atual e futuro de impostos das empresas e famílias. Se o Estado acode hoje a um número grande de pessoas que dele necessitam, é porque temos uma estrutura montada que é, e deve ser usada, porque é para isso que foi criada. Os seguros são para serem acionados nos períodos de crise. O Estado deve acudir nos momentos de aflição. Mas se o faz hoje é à custa de um déficit que vai resultar em dívida. E, a menos que se descubra uma ‘mina’ de um ativo coletivo que a sociedade queira explorar (que não seja petróleo, porque ninguém quer os poços a menos de 500 km), essa dívida será paga por nós. Na nossa sociedade não há dinheiro público. Há impostos. De hoje ou de amanhã. O Estado somos nós, que somos indivíduos privados porque, depois do serviço militar obrigatório cumprido, ainda não nos nacionalizaram.